



SONHOS SOB DITADURA

DREAMS UNDER DICTATORSHIP

BERADT, CHARLOTTE. DREAMS UNDER DICTATORSHIP. *FREE WORLD*. NEW YORK, V. 24, P. 333-337, OUT. 1943.

Charlotte Beradt
Tradução: Douglas Silva*
Louise Marie Goodman**

* dsilva1988@gmail.com
Doutorando em Literaturas Clássicas e Medievais pelo Pós-Lit/UFMG.
**Imariegoodman@gmail.com
Doutoranda em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Pós-Lit/UFMG.

APRESENTAÇÃO

Charlotte Beradt, jornalista alemã que viveu alguns anos em Berlim, notou que pouco tempo depois de Adolf Hitler chegar ao poder, em 1933, seus sonhos se tornaram estranhos. Talvez, ela pensou, tais sonhos fossem o resultado de viver sob uma ditadura. Depois de ter fugido da Alemanha nazista para Nova York, onde ela e o marido fizeram parte de um grupo de berlinenses exilados, começou a entrevistar outros refugiados alemães ao seu redor sobre seus sonhos na Alemanha nazista.

O seguinte artigo, publicado pela revista norte-americana *Free World* em 1943, foi o primeiro trabalho dessa pesquisa a vir a público.¹ Suas investigações culminaram no livro *Sonhos no III Reich* [o primeiro volume foi publicado recentemente em português pela editora Três Estrelas, traduzido

por Silva Bittencourt]. Beradt, falante nativa do alemão, escreveu o texto quando ainda era recém-chegada aos Estados Unidos. Nossa tradução tenta manter nuances do texto original, escrito em inglês (ou traduzido para) por uma alemã.

*

SONHOS SOB DITADURA

Acordei banhada em suor, meus dentes cerrados. Mais uma vez, como em incontáveis noites anteriores, era caçada de um lado para outro em um sonho – baleada, torturada, escarpada. Mas essa noite, dentre todas as noites, ocorreu-me a ideia de que eu não deveria ser a única dentre milhares e milhares a ser condenada pela ditadura a ter tais sonhos. O que preenchia meus sonhos deveria preencher o de outros

1. O artigo original pode ser acessado e baixado no banco de dados UNZ. Disponível em: <<http://www.unz.org/Pub/FreeWorld-1943oct-00333>>. Acesso em: 11 set. 2017.

2. A autora chama de “Storm Troopers” a Sturmabteilung, a milícia paramilitar do Partido Nazista, mais conhecida no Brasil como “SA”.

3. Paul Joseph Goebbels foi o Ministro da Propaganda na Alemanha nazista entre 1933 e 1945.

– voo sem fôlego através dos campos, esconder-se no alto de torres de altura vertiginosa, encolher-se dentro de sepulturas, em todos os lugares os Storm Troopers² em meu encalço.

Comecei a perguntar às pessoas ao meu redor sobre seus sonhos.

“Eu tive um sonho”, Sr. K., um industrial, contou-me, “um pesadelo sem tiros disparados, sem sangue derramado. Goebbels veio à minha fábrica. Ele pôs os trabalhadores em fila, em duas fileiras, uma de frente para a outra. Tive que ficar entre elas e erguer meu braço na saudação a Hitler. Levantar o braço me levou meia hora. Goebbels³ assistiu a meus esforços como se fosse um espetáculo, sem aprovar ou desaprovar. Mas quando meu braço finalmente se ergueu, ele disse cinco palavras: ‘Eu não quero sua saudação’, e se dirigiu à porta. Fiquei ali, em minha própria fábrica, em meio ao meu pessoal, meu braço erguido. Nunca em minha vida tinha me sentido tão humilhado. Permaneci ali, desse jeito – até que acordei”.

O Sr. K., um homem de provada coragem e força de vontade, tremia inquieto enquanto contava o sonho que tinha tido semanas antes. Esse sonho era diferente. Não nasceu do medo da força bruta. Surgiu apenas da pressão da ditadura sobre a mente desse homem. Se eu encontrasse vários desses

sonhos de almas maltratadas, que prova nova e contundente contra a ditadura eles forneceria!

Desde essa noite tenho coletado sistematicamente as descrições de sonhos sob a ditadura. Não revelo meu intuito ao perguntar às pessoas sobre seus sonhos por querer evitar respostas maquiadas. Na verdade não foi nada fácil obter respostas. A maior parte das pessoas desejava esquecer seus sonhos agonizantes; de qualquer modo, não gostavam de falar sobre eles. Induzi alguns a falar contra a vontade ao narrar meus próprios sonhos ou os de outros. Registre cada sonho em detalhe.

O SONHO COM AUTORIDADES, LEIS, INJUNÇÕES

Há, sobretudo, a pletora de autoridades e repartições, de leis, proibições e penalidades que dão origem aos mais variados sonhos ansiosos em uma ditadura. Um funcionário, cuja vida diária foi envenenada pelo medo da denúncia, inventou em seus sonhos um “Escritório para o Controle de Conversações Telefônicas”, que funcionava por métodos sutis e provou que ele tinha cometido o crime de dizer ao seu irmão por telefone: “Eu não consigo mais ter prazer com nada”. Ele implorou e suplicou por perdão uma única vez, que não fosse denunciado só dessa vez, mas bem no fundo ele sabia que estava arruinado. Um pequeno comerciante de Viena sonhou que a lâmpada de canto do seu quarto passou de repente a falar, repetindo para a polícia cada frase que ele

havia pronunciado contra o governo, cada piada política que ele havia contado. Ele também se viu arruinado. Uma professora de matemática sonhou que era proibido, sob pena de morte, escrever qualquer coisa relacionada à matemática. Ela fugiu para uma taberna infame e ali, com um medo mortal, entre bêbados berrantes e garotas seminuas, escreveu algumas equações que lhe eram caras. Uma bela mulher sonhou que placas negras foram instaladas em cada esquina. Elas continham vinte palavras escritas em letras brancas, as quais as pessoas eram proibidas de pronunciar. Dentre as palavras, havia termos bíblicos, como “Senhor”. A última das vinte palavras era “Eu”. Outra mulher vagava em seu sonho dia e noite, acompanhada por seu marido, passando por ruas e casas sem encontrar pouso, até que finalmente uma hospedeira lhe proclamou, sob a forma e com os gestos de impreciação do Eterno Judeu⁴:

Eis aí uma lei: não hão de habitar nenhum lugar
Vagar pelas ruas então há de ser seu lar.⁵

A VERGONHA ANDA JUNTO COM O MEDO

É comum que uma vergonha agonizante acompanhe o medo em sonhos sob ditadura. Assim, um advogado em cuja vida o ideal de uma respeitabilidade burguesa desempenhou um importante papel, sonhou:

Há, lado a lado, dois bancos em um parque, um comum e um que está pintado de amarelo. Entre eles há uma lixeira. Depois de alguma hesitação, sentei-me na lixeira e pendurei no meu pescoço um cartaz que dizia: “Se precisar, cedo meu lugar para o papel”.

Uma jovem, prestes a fazer a prova para se tornar enfermeira, sonhou noite após noite uma variação oportuna do bem conhecido sonho da prova. Ela passou com o conceito “Excelente” e depois escutou com horror e vergonha o examinador declarar a sua sentença de morte e a de sua carreira: “Vou te reprovar mesmo assim porque você é membro da Igreja Confessional” (igreja do Pastor Niemoeller⁶). Outra jovem ouvia quase toda noite a voz de sua senhoria a dizer palavras que a atingiam como machadadas: “Meus inquilinos roubam como Testemunhas de Jeová” (uma seita religiosa à qual a sonhadora aderiu fanaticamente). Muito magoada, esperou todas as vezes que fosse apenas um deslize da língua, que a mulher se corrigisse e dissesse “roubam como um chupim”, mas em todas as vezes se decepcionou.

Um escritor que andava com dificuldades com a Câmara de Cultura (à qual ele tinha que pertencer para ter permissão de publicar seus trabalhos) sonhou que tinha sido convidado a passar alguns dias na casa de um de seus melhores amigos, em uma pequena cidade a poucas horas dali de trem. Após sua chegada, uma festa foi oferecida em sua homenagem, e

4. Do alemão *Ewiger Jude*, mais conhecido em inglês como *Wandering Jew*, o judeu errante é um personagem do folclore cristão medieval. Teria sido amaldiçoado por Jesus a vagar até o fim dos tempos por ter agredido o Cristo durante sua *via crucis*. A partir do século XIX, sua figura se tornou um ícone do antissemitismo.

5. “There comes a law: they shall dwell nowhere./To walk the streets thus, that shall be their life.”

6. Martin Niemöller foi um pastor luterano alemão que se tornou parte da oposição a Hitler por ser contra as tentativas do governo nazista de unificação das igrejas protestantes em uma só igreja nacional.

o anfitrião lhe dirigiu um discurso de louvor, prometendo uma amizade inabalável. De repente, uma vizinha apareceu e deu uma dica ao anfitrião. Festas, ela disse, quase nunca estão de acordo com as diretrizes do governo – e, para piorar, convidar elementos não confiáveis, bem... Imediatamente ele foi expulso da casa, seu anfitrião não teve tempo nem para lhe contar sobre as baldeações do trem. Ele ficou ali parado, na estrada, à noite, na chuva, constatando em seu relógio de pulso que a mudança nos sentimentos do seu amigo levou apenas dez minutos. E a situação humilhante se agravou com a sensação de vergonha por seu amigo, a quem ele amou por toda a vida.

Da mesma forma, uma senhora, protestante devota, misturou a vergonha em nome do povo alemão com sua própria humilhação. Ela sonhou que tinha desmaiado em uma das esquinas mais movimentadas de Berlim. Nenhuma das centenas de pessoas que passavam por ali se preocupou em ajudá-la. “Como essas pessoas sabem que *têm que* me deixar aqui porque eu creio no meu senhor Jesus Cristo?”, ponderei sofregamente no meu sonho. Não me senti melhor até perceber que ao menos a pessoa mais próxima, um jornalista, estava sentado, paralisado, em sua cadeira de rodas e por isso não pôde me ajudar”.

Não apenas o método, mas também a ideologia da ditadura dá origem a sonhos ansiosos de todos os tipos. Assim, a

teoria da superioridade da raça de cabelos claros busca suas vítimas entre as pessoas de cabelos escuros. Ou pessoas são arrancadas do grupo populacional ao qual acham que pertencem e são aleatoriamente colocadas em outro. Elas respondem a isso tornando o conceito de “grupo” a *idée fixe* de seus sonhos. Um homem chegou a um tal extremo que em seus sonhos não mais falava sozinho, apenas em coro. Mas esses sonhos, típicos como são, são muito complicados de serem reproduzidos aqui.

SONHOS DE MILITANTES CLANDESTINOS

Os sonhos acima relatados têm uma característica comum. Todos os protagonistas sofrem sem praticar qualquer ação. A ideia de oferecer resistência não ocorre a eles – o medo está profundamente enraizado. Mas outro homem, ativo na batalha subterrânea contra a ditadura, teve sonhos de uma natureza diferente: ele entrou em ação, foi à luta. Na primeira parte de seu prolongado sonho, panfletos mimeografados, descobertas, momentos em que está tomado por medos fazem parte da cena. Na segunda parte do sonho, a Gestapo já está subindo as escadas; ele tranca as portas, mas a tranca cai; ele então escapa pela janela. Na terceira parte, enquanto foge, ele nota dois homens em frente a um famoso café, um sussurrando para o outro: “Temos que protestar”. Ele passa por eles, coloca as mãos em seus ombros e grita em direção ao café: “Nós temos que protestar”. Em seguida ele

corre, arrastando consigo os dois homens. No fim do sonho, todos os três correm lado a lado, no mesmo passo, gritando alto e em uníssono: “Nós protestamos”.

Outra que recorreu à ação em sonhos foi a esposa de um homem cujas atividades clandestinas tinham sido descobertas e que tinha escapado pela fronteira. Em cada um de seus sonhos, seu marido voltava para continuar suas atividades, era reconhecido e preso. Uma noite, ela sonhou que ele tinha voltado disfarçado de soldado alemão: “Eu estava com medo de ele não se comportar corretamente, já que não tinha familiaridade com os detalhes do exército. Corri até uns quartéis para pegar de algum jeito os regulamentos impressos de serviço. Quis costurar as insígnias de sargento no colarinho de sua farda para que os praças tivessem que prestar continência a ele, e ele não se fizesse notar ao prestar continência errado”.

Esse sonho, no entanto, logo se mudou do campo da ação para o do sofrimento. O homem foi preso e a mulher levada a uma masmorra que parecia um crematório. Construído na parede, havia um compartimento que continha o marido e trazia a inscrição: “Quarenta e sete polegadas cúbicas, temperatura de 167 graus”.

Sonhos ansiosos antecipando o futuro – esse tipo particular de sonho é reservado aos judeus por terem sido o grupo populacional mais cruelmente perseguido. Uma senhora de uns setenta anos sonhou: “Meu marido e eu tínhamos

emigrado para um local distante. Estávamos completamente sós, sem ninguém para nos ajudar. ‘Por que não sacar um dinheiro da poupança?’, eu disse para meu marido. ‘Não temos mais nada’, ele respondeu. ‘Bem, pegue algum no banco’. ‘Nós não temos mais nada’. ‘Pegue algum do cofre’. ‘Não temos mais nada’. ‘Então pegue algum da sua carteira’. ‘Mas nós não temos mais nada!’”

Os pesadelos de seu marido foram além. Quando Hitler lhe ofereceu um único desejo, como num conto de fadas, ele respondeu sem hesitação: “Um passaporte para mim e para minha esposa”.

Passaportes, documentos, vistos – muito antes de serem realmente necessários, corriam como um fio de Ariadne nos sonhos desse grupo. Um homem carrega seus papéis consigo em uma mala para onde quer que vá em seus sonhos. Outro, encontrando-se em um navio a afundar, não para pra pensar em “Como posso me salvar?”, mas em “Como posso salvar meus documentos?”. E seu primeiro grito após o desastre se refere a seus documentos!

Todas as maiores e menores dificuldades – para onde e o que fazer depois? – são antecipadas pelos nervos desgastados dessas pessoas. Eles são parados na fronteira; são proibidos de desembarcar; não são bem-vindos nas casas de estranhos nem ousam aparecer na mesa de jantar; dormem seis em um quarto; temem muros sombrios e pátios escuros; passam por

7. A Ordem Trapista (oficialmente Ordem dos Cistercienses Reformados de Estrita Observância. O apelido vem do mosteiro cisterciense de Nôtre-Dame de la Trappe) é famosa por ter uma prática monástica ligada à austeridade e ao silêncio.
8. A Lapônia está localizada no extremo-norte da Escandinávia. Uma grande quantidade de judeus europeus passou pela região para atravessar a fronteira da Suécia, país neutro durante a Segunda Guerra Mundial.

ruas desconhecidas, ouvem uma canção alemã e têm vergonha de suas próprias emoções. Um sonhador escolhe como cenário fantasmagórico de um pesadelo profético um mosteiro trapista,⁷ temendo, é claro, ter de permanecer mudo em uma língua desconhecida. Há um homem cujo sonho o leva ao “último país na terra onde judeus ainda são tolerados”. Esse é o único nome pelo qual chama esse país. Para ele, não tem outro nome. Parece estar no fim do mundo, já que ele tem que atravessar a Lapônia;⁸ não há outro caminho que o leve até lá. Ele está muito feliz quando chega à fronteira a pé, cheio de fardos pesados, levando sua mãe cega, sua mulher ao seu lado. Milha atrás de milha de gelo e neve estão atrás dele, mas diante dele está um sorridente e educado funcionário da aduana, rosado como se feito de jujuba rosa, que pergunta: “Posso lhe ajudar, senhor?”. O viajante lhe entrega seu passaporte e diz: “Eu sou um professor de-”. “Você é um judeu!”, o funcionário urra depois de uma olhada no passaporte marcado com um grande e vermelho “J”.

Essa é a mais trágica angústia dessas pessoas – o medo de que as perseguições de seu antigo país os acompanhem. Um homem sonhou que estava indo bem na nova terra, que conseguiu tirar suas primeiras férias, uma viagem de escalada. E então aconteceu: no pico mais alto da montanha de um continente estrangeiro, o guia de repente tirou casaco e capuz e ficou de pé na sua frente em um uniforme completo de Storm Trooper.

SONHOS DO DESEJO SUBCONSCIENTE

O complemento desses sonhos ansiosos são os sonhos fantasiosos. Seu alcance é mais limitado. Eles expressam o desejo natural das pessoas por igualdade e reconhecimento, seu anseio pelas coisas perdidas. Esses sonhos também são cheios de tristeza, embora à primeira vista pareçam ridículos ou mesmo repulsivos. Como os sonhos ansiosos, eles mostram que as feridas infligidas pela ditadura sangram e doem, mesmo quando não se trata de traumas corporais.

Um oftalmologista que fora demitido de sua clínica sonha que está tratando Hitler. Ele foi chamado no lugar de outro porque é a única pessoa no mundo que pode realizar esse tratamento. Um advogado que foi forçado a pedir demissão sonha que é empregado em um escritório do governo; durante uma inspeção de funcionários, Goering o escolhe com um aceno de satisfação.

Dezenas de mulheres têm um sonho quase idêntico. Elas assistem a um recital sentadas na primeira fila ou se encontram em um camarote brilhantemente iluminado no teatro. De repente um líder nazista aparece, geralmente o próprio Hitler. Eles se apertam as mãos e quando elas dizem que são católicas, judias, social-democratas, ele responde: “Não faz a menor diferença pra mim”. Normalmente as mulheres reagem a esse jogo duplo com uma sensação de insulto ou ultraje, mas há sempre alguma sensação de prazer. Uma

garota sonhou que Goebbels pessoalmente, em um festival folclórico, dava-lhe um panfleto; ela definiu seus sentimentos nesse momento do seguinte modo: “Eu tentei apenas gargalhar e não me orgulhar”. Outra garota pensou cheia de esperança quando Hitler, na presença de muitas pessoas, desceu com ela um amplo lance de escadas em Munique, sua cidade natal: “Agora todos podem ver que ele aparece em público comigo; será que não é tão ruim?”.

A raridade dos sonhos de vingança é uma notável prova adicional do quão profundamente o medo atinge o subconsciente. Um mesquinho funcionário municipal, que tinha sido demitido porque se recusou a entrar na SA, sonhou, com constantes variações, que tinha que pagar o dobro de impostos e que os correios não lhe vendiam mais selos. Por um acaso, um estrangeiro então se aproximou da janela e disse ao funcionário (que costumava usar o odioso uniforme) o que o homem em seu sonho gostaria de ter dito, mas não ousou: “Você está tratando esse homem de um modo inaceitável e eu vou denunciar isso no exterior”.

A única pessoa que conheço que ousou responder a Hitler, mesmo em sonho, é uma mulher. Em seu sonho, Hitler não se parecia com as fotografias, era bastante corpulento e amigável. O que ela disse foi simplesmente “Você devia ter agido de outra maneira quanto a isso e aquilo, e assim você teria se tornado ainda maior”. De repente ela se viu em uma sala

diferente; havia ali um grande número de Guardas de Elite que se cutucavam, apontando para ela com grande respeito e dizendo: “Esta é a mulher que desabafou com Hitler”.

Quando cheguei a este país, corri atrás de uma garota que conhecia, que na Alemanha tinha tido muitos sonhos ansiosos. Após o seu resgate, ela sonhava com a vida sob a ditadura apenas quando era lembrada de seus métodos por experiências concretas. Um dia no metrô, por exemplo, ela leu na frente de todos um livreto que era proibido na Alemanha. Nessa noite ela sonhou que uma criança a tinha denunciado por isso. Depois disso ela só sofreu com um pesadelo: que ela podia ser forçada a voltar para a Alemanha nazista. Quando ela já estava neste país há cerca de um ano, ela teve um sonho em que escrevia um poema de doze versos na língua de sua nova pátria. Tratava de um certo livro e de uma certa cena americana, ambos moravam em seu coração. Ela esqueceu os oito primeiros versos. Os últimos quatro são assim:

Posso ficar sentada por horas
Chamando cada árvore daqui,
Lendo pela minha janela,
América, lendo-te!⁹

9. “I can sit for hours / Calling every tree, / Reading through my window; / America, of thee!”